

Editorial

Mulheres, arquitetura e cidade em tempos de crise

O segundo número de 2021 da revista *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo* apresenta artigos que abordam o projeto de arquitetura a partir da perspectiva da atuação das arquitetas. Esta edição complementa o primeiro número lançado no primeiro semestre, no qual se discutiram, do ponto de vista da escala urbana, as consequências impostas às mulheres durante o período da crise sanitária mundial decorrente da pandemia da nova Covid-19.

Abrimos esta edição com o artigo "A regularização de conjuntos habitacionais", da arquiteta Vera Maria Leme Alvarenga e da engenheira civil Francisca Leiko Saito, cuja experiência em trabalhos de aprovação e regularização fundiária de conjuntos habitacionais, pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU), perfaz uma *expertise* inestimável e se alia ao imperativo de afirmarmos e seguirmos construindo fortes políticas públicas voltadas para a habitação social.

Seguimos constatando uma interessante coincidência: a ocorrência de vários "pares temáticos", como apresentaremos a seguir.

Começamos mencionando os dois artigos que discutem a relação do corpo de mulher em relação à cidade. Em "Mulher *in loco*: o experimento do corpo feminino", Amanda da Costa Pereira Alves e Eneida de Almeida discutem os resultados de uma pesquisa que explorou as relações entre identidade feminina e representação simbólica nas diferentes formas de apropriação dos lugares da cidade.

Já em "Mulheres (in)visíveis: a vulnerabilidade urbana, as organizações e as políticas públicas em prol das prostitutas em meio à pandemia da Covid-19", Ricardo Mingareli Del Valle faz considerações sobre a condição de cidadania das prostitutas na cidade em tempos de pandemia. Para tanto, analisa as moções e as medidas protocoladas e sugeridas no Ministério do Trabalho, no Ministério da Justiça e no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), para o combate da Covid-19 nos espaços prostitucionais urbanos.



Um outro par de artigos debruça-se sobre a temática do patrimônio.

Daniella Martins Costa e Daniela Quireza Morgado, autoras de "O verbo feminino: patrimônio e memória nos escritos de Dora Alcântara", inspiraram-se na campanha veiculada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), lançada em março de 2020. A instituição utilizou em suas mídias sociais a *hashtag* #elasfazempatrimonio, homenageando assim o pioneirismo de mulheres na preservação do patrimônio cultural brasileiro. Para tanto, as autoras focalizam a trajetória da arquiteta carioca Dora Alcântara, referência reconhecida hoje nos estudos sobre os azulejos históricos portugueses.

Por sua vez, Sílvia Scoralich de Carvalho, evocando o célebre ensaio de Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, intitula seu artigo de "Uma arquitetura toda sua?", no qual analisa o caso da sede da antiga fazenda colonial Magepe-Mirim em Magé, no município da região metropolitana do Rio de Janeiro, cuja proprietária foi Dona Joana de Barros. Mesmo tendo sido identificada a relevância da tipologia representada por esse edifício na caracterização de habitações rurais no Rio de Janeiro, realizada por Joaquim Cardozo, considerou-se que o edifício não reunia informações documentais que justificassem seu restauro, ponto de partida para a análise, sob a perspectiva feminista, empreendida pela autora.

Outros dois artigos voltam sua atenção para arquitetas do Nordeste brasileiro.

Andréa Halász Gáti Porto examina a trajetória da arquiteta recifense Myriam Pessôa de Melo em "Arquitetas em nome do pai, do filho e do marido" verificando como as relações com as figuras masculinas da vida de Melo direcionaram e moldaram a carreira dela.

Já Guilah Naslavsky, Maria Luiza Rocha Mariz Valença e Rafaela Silva Lins, em "Os saberes localizados da prática das arquitetas no Nordeste brasileiro", analisam a experiência do escritório Arquitetura 4, um dos primeiros a se constituir apenas de mulheres, em Recife, a partir dos anos 1970.

O tema das escolas configura o último "par temático" desta edição, destacado na seção "Outras Pesquisas". Em "A construção da escola para a liberdade na obra de Mayumi Souza Lima: a experiência da Escola Estadual João Kopke", Tereza Beatriz Ribeiro Herling realiza uma reflexão sobre a trajetória da arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima, que dedicou sua carreira a pensar em as alternativas para o projeto da arquitetura escolar para além das estruturas hierárquicas tradicionais.



Na seção “Projetos”, publicamos o texto “Projeto Centro Educacional Unificado: Território CEU – Parque do Carmo”, em São Paulo, projeto de SIAA + Helena Ayoub Silva & Arquitetos Associados de 2014. A obra, concluída em 2020, apresenta uma arquitetura que se agrega ao território e se abre à apropriação ao fazer uma

interlocução que medeia a relação entre público e privado, através de acessos e eixos de passagem pelo terreno da escola, que conectam laterais opostas do lote.

Por fim, a seção “Outras Pesquisas” conta também com a discussão proposta por Thaísa Leal da Silva e Letícia Muller em “Indicadores urbanos de cidades inteligentes: agentes de transformação no espaço urbano-arquitetônico”. As autoras analisam indicadores urbanos de meio ambiente adotando como referência o Ranking Connected Smart Cities no contexto da cidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

Concluímos assim a segunda edição de 2021, ano em que a revista *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo* focalizou a temática das mulheres na arquitetura e no urbanismo.

Esperamos que você aprecie a leitura.

Ana Gabriela Godinho Lima, Maria Isabel Villac e Maria Augusta Justi Pisani